

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 A educação no Brasil e no mundo [recurso eletrônico] : avanços, limites e contradições 5 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (A Educação no Brasil e no Mundo. Avanços, Limites e Contradições; v. 5)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-935-6
DOI 10.22533/at.ed.356201701

1. Educação. 2. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ítaca

Se partires um dia rumo à Ítaca

Faz votos de que o caminho seja longo repleto de aventuras, repleto de saber.

Nem lestrigões, nem ciclopes, nem o colérico Posidon te intimidem!

Eles no teu caminho jamais encontrarás.

Se altivo for teu pensamento

Se sutil emoção o teu corpo e o teu espírito tocar

Nem lestrigões, nem ciclopes

Nem o bravio Posidon hás de ver

Se tu mesmo não os lewares dentro da alma

Se tua alma não os puser dentro de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.

Numerosas serão as manhãs de verão

Nas quais com que prazer, com que alegria

Tu hás de entrar pela primeira vez um porto

Para correr as lojas dos fenícios e belas mercancias adquirir.

[...] Tem todo o tempo Ítaca na mente.

Estás predestinado a ali chegar.

Mas, não apresses a viagem nunca.

Melhor muitos anos lewares de jornada

E fundeares na ilha velho enfim.

Rico de quanto ganhaste no caminho

Sem esperar riquezas que Ítaca te desse. [...]

(KAVÁFIS, 2006, p. 146-147)

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que

atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas

impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha do sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| SEXUALIDADE, DISCURSO TRADICIONAL E RESISTÊNCIA: UM EMBATE ENTRE FEMINISMO E A FAMÍLIA POR UMA ÓTICA FOUCAULTIANA | |
| Solange Aparecida de Souza Monteiro Heitor Messias Reimão de Melo Paulo Rennes Marçal Ribeiro Maria Regina Momesso Débora Cristina Machado Cornélio Andreza de Souza Fernandes Monica Soares Carlos Simão Coury Corrêa Valquiria Nicola Bandeira | |
| DOI 10.22533/at.ed.3562017011 | |
| CAPÍTULO 2 | 20 |
| INGRESSO DE JOVENS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: EXPERIÊNCIAS DE ACOLHIMENTO | |
| Itagiane Jost Marcele Homrich Ravasio | |
| DOI 10.22533/at.ed.3562017012 | |
| CAPÍTULO 3 | 32 |
| ISOMERIA <i>CIS-TRANS</i> : EMPREGO DE PALAVRAS CRUZADAS COMO RECURSO DIDÁTICO | |
| Antônio Marcelo Silva Lopes Meyriãne Silva Lopes Sérgio Bitencourt Araújo Barros Francisco de Assis Araújo Barros | |
| DOI 10.22533/at.ed.3562017013 | |
| CAPÍTULO 4 | 43 |
| LEI DOS GRANDES NÚMEROS: DEMONSTRAÇÃO APLICADA AO ENSINO | |
| Julia Pereira Manenti Ana Cristina de Castro Zedequias Machado Alves | |
| DOI 10.22533/at.ed.3562017014 | |
| CAPÍTULO 5 | 46 |
| LEITURA E ESCRITA ENQUANTO OBJETOS SIGNIFICATIVOS E AFETIVOS: TEORIA E EXPERIÊNCIA | |
| Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo Elielton Brandão Serrão Paula Soares Rodrigues | |
| DOI 10.22533/at.ed.3562017015 | |
| CAPÍTULO 6 | 56 |
| LESEX: LIGA DE EDUCAÇÃO SEXUAL | |
| Beatriz dos Santos Melo Beatriz Silva de Souza | |

Carolina Habergriç Folino
Lucas Rodrigues Tovar
Thainá Gulias Oliveira
Débora de Aguiar Lage

DOI 10.22533/at.ed.3562017016

CAPÍTULO 7 68

LETRAMENTO DIGITAL NO CURSO DE ARTESÃ E BORDADOS: UMA AÇÃO DE ESTÁGIO DENTRO DO PROGRAMA MULHERES MIL DO IFRN

Edna Maria da Silva Araújo
Edícia Mariana de Moura Pereira
Diego Silveira Costa Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.3562017017

CAPÍTULO 8 82

LETRAMENTO NO ENSINO FUNDAMENTAL II: DA LEITURA EXTRACLASSE À PRODUÇÃO TEXTUAL

Adriana Ferreira de Souza

DOI 10.22533/at.ed.3562017018

CAPÍTULO 9 88

LIBERDADE DE EXPRESSÃO OU DISCURSO DE ÓDIO: TOLERAR OS INTOLERANTES?

Morgana Rodrigues
Anna Beatriz Brandelero Giacomini
Rodolfo Denk Neto

DOI 10.22533/at.ed.3562017019

CAPÍTULO 10 100

MATEMÁTICA E INCLUSÃO SOCIAL: CURSO BÁSICO PARA CONCURSO

Adriana de Oliveira Dias
Exayne Santos Mourão

DOI 10.22533/at.ed.35620170110

CAPÍTULO 11 105

MULTIPLICAÇÃO NA HORTA: UM MODELO DE PRÁXIS EDUCATIVA

Robson Damasceno da Silva
Maria Eliana Soares

DOI 10.22533/at.ed.35620170111

CAPÍTULO 12 110

NAS SAIAS DE IEMANJÁ: VOZES E SABERES POÉTICOS DO FEMININO NA EDUCAÇÃO SENSÍVEL UMBANDISTAS NA AMAZÔNIA

Denise Simões Rodrigues
Lívia Cristina Fonseca de Araújo Faro

DOI 10.22533/at.ed.35620170112

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 13 | 120 |
| O CADERNO VIRTUAL NO CONTEXTO DE LIBRAS NA FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS | |
| Keila Moura Grassi | |
| DOI 10.22533/at.ed.35620170113 | |
| CAPÍTULO 14 | 132 |
| O ENSINO DA ARTE – UM DESAFIO NO ATUAL CONTEXTO | |
| Márcia Lenir Gerhardt Pedro Henrique Graeff Machado Mateus Silva do Carmo | |
| DOI 10.22533/at.ed.35620170114 | |
| CAPÍTULO 15 | 143 |
| O ENSINO DE QUÍMICA: UM OLHAR INVESTIGATIVO EM ALUNOS DE GRADUAÇÃO | |
| Tiago Barboza Solner Liana da Silva Fernandes Leonardo Fantinel | |
| DOI 10.22533/at.ed.35620170115 | |
| CAPÍTULO 16 | 152 |
| O LÚDICO COMO RECURSO METODOLÓGICO NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL | |
| Vanussa Sampaio Dias da Silva Ingrid Cibele Costa Furtado | |
| DOI 10.22533/at.ed.35620170116 | |
| CAPÍTULO 17 | 170 |
| O LUGAR DAS DISCIPLINAS PEDAGÓGICAS NA FORMAÇÃO DOS LICENCIANDOS EM EAD | |
| Maria Letícia Cautela de Almeida Machado | |
| DOI 10.22533/at.ed.35620170117 | |
| CAPÍTULO 18 | 182 |
| O MÉTODO TOTAL PHYSICAL RESPONSE (TPR) NO ENSINO DE INGLÊS PARA CRIANÇAS (LIC): CONSIDERAÇÕES SOBRE A ATMOSFERA MOTIVACIONAL POSSIBILITADA | |
| Monique Vanzo Spasiani | |
| DOI 10.22533/at.ed.35620170118 | |
| CAPÍTULO 19 | 198 |
| O PIBID E O USO DOS RECURSOS DIDÁTICOS/TECNOLÓGICO NA SALA DE AULA | |
| Eronice Rodrigues Francisco Sandra R. Hermes dos Santos Sérgio S. S. Filho | |
| DOI 10.22533/at.ed.35620170119 | |

CAPÍTULO 20 203

O PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL:
O PAPEL DA INCLUSÃO DIGITAL

Anderson Barros da Silva
Geni Emília de Souza

DOI 10.22533/at.ed.35620170120

CAPÍTULO 21 220

O PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO BÁSICA COMO SUJEITO CAPAZ DE INTERVIR
NAS INJUSTIÇAS E PRECARIZAÇÕES DAS INFÂNCIAS, ADOLESCÊNCIAS E
JUVENTUDES EMPOBRECIDAS

Gabriela Fernanda do Carmo
Janaína Augusta Neves de Souza

DOI 10.22533/at.ed.35620170121

CAPÍTULO 22 235

O TRABALHO COM A GEOMETRIA PLANA NO ENSINO FUNDAMENTAL:
EXPERIMENTAÇÕES COM MATERIAIS MANIPULATIVOS E RECURSOS
TECNOLÓGICOS

Natasha Inês Buche
Carolina Hilda Schleger
Jeverton Iedo Dorr
Tanise da Silva Moura
Vanessa Volkweis Rodrigues
Elizangela Weber
Mariele Josiane Fuchs
Julhane Alice Thomas Schulz

DOI 10.22533/at.ed.35620170122

CAPÍTULO 23 245

O USO DE DIFERENTES ALTERNATIVAS PARA O ENSINO- APRENDIZAGEM EM
BIOLOGIA

Terezinha Tronco Dalmolin
Márcia Lenir Gerhardt
Pedro Henrique Graeff Machado

DOI 10.22533/at.ed.35620170123

CAPÍTULO 24 253

O USO DO LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE
DIFERENTES FITOFISIONOMIAS EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO
MÉDIO NO MUNICÍPIO DE DIAMANTINO-MT

Caroline Xavier da Conceição
Áquila Pereira da Silva

DOI 10.22533/at.ed.35620170124

CAPÍTULO 25 259

PERCEPÇÃO DOS DOCENTES QUANTO A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO ESCOLAR
NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Gislaine Maria Lente Franco
Elisangela de Oliveira Silva
Marinalva Pereira dos Santos

Silvana Mara Lente
Odenise Jara Gomes
Solange Teresinha Carvalho Pissolato
Vania de Oliveira Silva
Elivania Toledo Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.35620170125

CAPÍTULO 26 268

PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE O ATRASO NA LEITURA E ESCRITA
DOS ALUNOS EM ANOS INICIAIS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL

Cecilma Miranda de Sousa Teixeira
Brauliene Araújo Neves
Francisco Hudson Coelho Frota

DOI 10.22533/at.ed.35620170126

CAPÍTULO 27 275

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO PARTICIPATIVO (PEP) SOB A PERCEPÇÃO
DISCENTE QUANTO AOS OBJETIVOS ESTRATÉGICOS VALIDADOS EM UMA
INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

Marinalva Pereira dos Santos
Solange Teresinha Carvalho Pissolato
Silvana Mara Lente
Vania de Oliveira Silva
Elisangela de Oliveira Silva
Odenise Jara Gomes
Elivania Toledo Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.35620170127

CAPÍTULO 28 288

PARA QUE SE ESCREVE NA ESCOLA?

Leonarlley Rodrigo Silva Barbosa
Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

DOI 10.22533/at.ed.35620170128

CAPÍTULO 29 297

PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL DE
DISCENTES DOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS DO INSTITUTO FEDERAL
FARROUPILHA *CAMPUS* JAGUARI

Fernanda Lavarda Ramos de Souza
Ricardo Antonio Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.35620170129

SOBRE A ORGANIZADORA..... 307

ÍNDICE REMISSIVO 308

PARA QUE SE ESCREVE NA ESCOLA?

Data de aceite: 06/01/2020

Leonarley Rodrigo Silva Barbosa

Mestre em Ensino na Educação Básica pela Universidade Federal de Goiás/UFG, especialista em Educação para a Diversidade e Cidadania pela UFG e graduado em Pedagogia pela mesma instituição. Professor da Rede Municipal de Ensino de Goiânia – GO.

Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

Professora Adjunta da Universidade Federal de Goiás do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Goiânia – GO.

RESUMO: Este trabalho vincula-se à pesquisa Arte, psicanálise e educação: os procedimentos estéticos do cinema e as vicissitudes da infância (UFG/PUC Goiás e UEG), que tem como proposta principal problematizar questões sobre linguagem e sujeito. Assim, este relato tem como objetivo discutir o ensino de língua portuguesa nos anos iniciais da Educação Básica. Inicialmente, procura-se problematizar a relação ensino e língua, a partir da observação de práticas docentes no encaminhamento das atividades de leitura e escrita, desenvolvidas em sala de aula. Na sequência, apresenta-se uma diferenciação entre informação e experiência. Para terminar, o texto traz produções escritas, realizadas por alunos em sala de aula, com o foco voltado para o uso da palavra.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Linguagem. Língua Portuguesa.

WHAT IS WRITTEN FOR IN SCHOOL?

ABSTRACT: This work is linked to the research Arte, psicanálise e educação: os procedimentos estéticos do cinema e as vicissitudes da infância (UFG / PUC Goiás and UEG), which main purpose is to explore matters regarding language and the subject. Thus, this report aims to discuss Portuguese language teaching in the early years of Basic Education. Initially, we seek to problematize the relation between teaching and language from the observation of teaching practices concerning reading and writing activities developed in the classroom. Subsequently, a differentiation between information and experience is established. At last, the text features written productions made by students in class, focussing on the use of the word as experience and creation.

KEYWORDS: Teaching. Language. Portuguese Language.

1 | INTRODUÇÃO

Aula de Língua Portuguesa. As crianças entram na sala de aula e se sentam. A professora solicita o livro didático da disciplina, indica a página e orienta a atividade a ser

desenvolvida. As crianças cumprem a tarefa. A professora, no quadro-giz, corrige e depois passa de carteira em carteira dando visto no caderno. As crianças guardam os materiais na mochila e aguardam o momento de ir para casa. O sino bate e, alegres, elas saem.

Essa rotina descreve o que se passa em muitas aulas de Língua Portuguesa. Foi esse o cotidiano que encontramos ao acompanhar e observar as aulas dessa disciplina em algumas das escolas públicas por onde passamos. Embora saibamos que existem muitas outras práticas escolares diferenciadas, notamos o quanto esta, que foi relatada anteriormente, se repete. Esse tipo de prática merece ser problematizada, afinal, para que se escreve na escola? Que concepções de sujeito, de linguagem e de língua sustentam esse tipo de vivência? Ela promoveria uma experiência de escrita? Seria capaz de favorecer a criatividade e a produção de sentidos? São essas questões que procuraremos discutir neste texto, utilizando como ilustração algumas atividades realizadas pelos alunos do Ensino Fundamental da Educação Básica, publicados no *site* Folhinha Aplicada que é um Projeto de Extensão realizado no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás sob a coordenação da Profa. Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha e do qual sou membro efetivo. *Site*: www.folhinhaaplicada.com (ISSN 2595-0576).

2 | INFORMAÇÃO NÃO É EXPERIÊNCIA

Vivemos em um mundo que valoriza as informações e não as experiências, como bem observa Larrosa (2002) no artigo *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Nesse texto, o autor relembra Walter Benjamin que, já no início do século XX, denunciava um movimento de declínio da experiência. Segundo Larrosa (2002), esse movimento, do qual fala Benjamin, tem ganhado mais espaço em nossa sociedade moderna, principalmente por ter o capital como força motivadora. Fazer o mundo girar em torno desse *bem* incentiva práticas educativas que priorizam seus imperativos, como, por exemplo, a produção de mercadorias, o consumismo, a informação, o excesso de trabalho e o pouco tempo. Isso porque o que interessa é um sujeito que atenda às demandas, sempre atualizadas, do capital. Segundo ele, nessa sociedade, o sujeito:

Além de ser um sujeito informado que opina, além de estar permanentemente agitado e em movimento, é um ser que trabalha, quer dizer, que pretende conformar o mundo, tanto o mundo “natural” quanto o mundo “social” e “humano”, tanto a “natureza externa” quanto à “natureza interna”, segundo seu saber, seu poder e sua vontade. [...] é animado por portentosa mescla de otimismo, de progressismo e de agressividade: crê que pode fazer tudo o que se propõe (se hoje não pode, algum dia poderá) e para isso não duvida em destruir tudo o que percebe como um obstáculo à sua onipotência. (LARROSA, 2002, p. 24, aspas do autor)

Assim, não nos causa surpresa a rotina das aulas de Língua Portuguesa que observamos. Tanto que as políticas educacionais em formas de leis e/ou documentos incentivam esse tipo de prática, pois, como observa Neves (2005), desde a década de 1990, o Brasil serve-se do modelo econômico hegemônico neoliberal para implementar os processos pedagógicos ocorridos na escola.

Exemplo disso é o documento intitulado Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP), que serve como referência para os projetos de ensino dessa área nas escolas brasileiras. Muitos estudos, entre eles o de Rocha e Rodrigues (2016), apontam a ênfase no estudo da Língua Portuguesa pelo viés pragmatista, que apenas explora conteúdos informacionais e habilidades de competência “no sentido de conhecer e aplicar os distintos usos da língua por meio de exercícios de metacognição e/ou metalinguagem” (ROCHA; RODRIGUES, 2016, p.4).

Além disso, Alcântara e Stieg (2016), ao discutirem a última versão da proposta de estabelecimento de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), observam esse mesmo direcionamento. A BNCC foi encaminhada recentemente para o Conselho Nacional de Educação tomar as devidas providências. Entretanto, segundo a análise dos autores, em relação ao componente curricular de Língua Portuguesa, há ainda uma ênfase no caráter instrumental da língua. Segundo eles, o modelo curricular, apresentado até agora, tem como objetivo principal facilitar as avaliações oficiais do governo a fim de atingir a meta prevista para 2021 (média 6,0 no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – Ideb).

De certa forma, tanto nos documentos oficiais quanto nas práticas, o trabalho com a Língua Portuguesa enfatiza conteúdos isolados, privilegia normas linguísticas em detrimento de uma experiência de linguagem. São muitos textos apresentados, uma grande variedade de exercícios, mas aplicados em função de informar e em explorar aspectos menores da língua. Esse procedimento sugerido, e muitas vezes alimentado, produz um tipo de sujeito, o da informação e, como diz Larrosa:

O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. (LARROSA, 2002, p. 21-22)

Se a escola prioriza conteúdos e treinamentos a fim de atender às exigências políticas, que têm uma visão mais imediatista do processo educacional, não se constitui um leitor e nem um escritor. O professor fica impedido de fazer um trabalho diferenciado por ter que cumprir a matriz curricular, em função de que seu aluno será avaliado segundo o que ela recomenda. Verificamos que a maioria dos sujeitos que passam pela escola, depois de anos nesse tipo de ensino, não leem e não escrevem, não usam a palavra com toda a potencialidade que ela tem. Essa é a consequência

de um ensino voltado apenas para a informação.

O que vimos, nessas aulas, não afeta o sujeito, pois as informações que ele obteve não o fazem relacioná-las com suas experiências e nem produzir outras. De acordo com Larrosa (2002), o sujeito da experiência é aquele que está aberto para aprender, para buscar e para experimentar a palavra. A palavra diz o mundo, mas também o produz. Assim, a linguagem não é apenas um sistema abstrato e um mero meio de comunicação que permitiria o acesso e a interação social. Ela é mais que isso, ela constitui nossa subjetividade. Segundo Larrosa (2002):

E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra. (LARROSA, 2002, p. 21)

Na infância, a brincadeira tem esse papel. Quando uma criança brinca, ela reordena as impressões que adquiriu, reelaborando-as e constituindo uma experiência. Sobre isso, Rodari (1982) explica:

A brincadeira, o jogo, não é uma simples recordação de impressões vividas; mas uma reelaboração criativa delas, um processo pelo qual a criança combina entre si os dados da experiência no sentido de construir uma nova realidade, correspondente às suas curiosidades e necessidades. Todavia, exatamente porque a imaginação trabalha apenas com materiais colhidos na realidade (e por isso pode ser maior no adulto), é preciso que a criança, para nutrir sua imaginação e aplicá-la em atividades adequadas que lhe reforçam as estruturas e alongam os horizontes, possa crescer em um ambiente de impulsos e estímulos, em todas as direções. (RODARI, 1982, p. 162-163)

Como observa o autor, a criança precisa explorar sua imaginação e, para que isso ocorra, o ambiente em que vive deve possibilitar essa condição, a do brincar (RODARI, 1982). A inserção no mundo da escrita não deve ser diferente, pois muitos leitores e escritores testemunham e validam essa mesma condição ao lerem e escreverem. A escola não poderia favorecer essa experiência? O ensino da língua escrita com enfoque na alteridade não promoveria a subjetividade? Por que não usar a palavra para constituir experiências, incentivar a imaginação e a criação?

3 | A PALAVRA É NOSSA

A seguir, iremos apresentar propostas realizadas pelos alunos que ilustram essa possibilidade de ensino de Língua Portuguesa numa perspectiva de constituir experiência. Isto é, contribuir para que o aluno use a palavra de modo transformador. São atividades para “considerar as palavras, criticar as palavras, eleger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir

palavras, transformar palavras etc.” (LARROSA, 2002, p. 21).

Estas atividades, além de serem feitas na sala de aula, foram publicadas no *Jornal Folhinha Aplicada*, um periódico mensal da Primeira Fase do Ensino Fundamental, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (Cepae/UFG). Esse jornal também objetiva promover experiências ao publicar as produções variadas dos alunos, que são organizadas como as editoriais de um jornal como outro qualquer que circula na sociedade. Além desse objetivo, ele

incentiva e promove situações discursivas em que as particularidades de um texto – as fronteiras, o acabamento, o tema, o dizer do locutor, o autor, o destinatário, a expressividade e as formas de estruturação, são elementos relacionados, dependentes do movimento de construção textual. (SOUZA, CARVALHO, MOTA, BARBOSA, COSTA, 2014, p. 59)

A primeira foi realizada com uma turma de segundo ano, da primeira fase da Educação Básica. A professora selecionou uma música bastante conhecida pelos alunos e depois de lerem, cantarem, comentarem sobre o uso das comparações que compõem sua letra, solicitou que eles escrevessem outras comparações. A música era “Fico assim sem você”, composição de Abdullah e Cacá Moraes, interpretada por Adriana Calcanhoto, regravada também por Claudinho e Buchecha. Sua letra:

Avião sem asa
Fogueira sem brasa
Sou eu assim, sem você
Futebol sem bola
Piu-Piu sem Frajola
Sou eu assim, sem você

Por que é que tem que ser assim?
Se o meu desejo não tem fim
Eu te quero a todo instante
Nem mil autofalantes
Vão poder falar por mim

Amor sem beijinho
Buchecha sem Claudinho
Sou eu assim sem você
Circo sem palhaço
Namoro sem abraço
Sou eu assim sem você

Tô louco pra te ver chegar
Tô louco pra te ter nas mãos
Deitar no teu abraço
Retomar o pedaço
Que falta no meu coração

Eu não existo longe de você
E a solidão é o meu pior castigo
Eu conto as horas pra poder te ver
Mas o relógio tá de mal comigo

Por quê? Por quê?

Neném sem chupeta
Romeu sem Julieta
Sou eu assim, sem você
Carro sem estrada
Queijo sem goiabada
Sou eu assim, sem você

Por que é que tem que ser assim?
Se o meu desejo não tem fim
Eu te quero a todo instante
Nem mil autofalantes
Vão poder falar por mim

Eu não existo longe de você
E a solidão é o meu pior castigo
Eu conto as horas pra poder te ver
Mas o relógio tá de mal comigo

Eu não existo longe de você
E a solidão é o meu pior castigo
Eu conto as horas pra poder te ver
Mas o relógio tá de mal comigo

A seguir, o resultado dessa atividade:

| Alunos | | | |
|------------------------------|--------------------------------------|--------------------------|------------------------|
| Minhoca sem terra | Magali sem comida | Estojo sem lápis | Mãe sem filho |
| Ano sem mês | Macaco sem banana | Erro sem rasura | Quadro sem giz |
| Tela sem cor | Noite sem estrela | Filho sem mãe | Mãe sem pai |
| Vídeo game sem jogo. | Noite sem Lua | Cama sem colchão | Estrela sem brilho |
| Tênis sem cadarço | Frase sem palavra | Aquário sem peixe | Lápis sem ponta |
| Macaco sem árvore | Espelho sem reflexo | Lápis sem ponta | Bairro sem casa |
| Dezembro sem natal | Arroz sem carne | Trem sem trilho | Faca sem corte |
| Banco sem dinheiro | Sexo sem camisinha | Natação sem piscina | Comida sem gosto |
| Quadro sem giz | Balão sem ar | Noite sem luar | Noite sem lua |
| Mês sem semana | Arroz sem feijão | Dia sem sol | Borracha que não apaga |
| Aluno sem estudar | Coração sem amor | Prédio sem janela | Chão sem terra |
| Fazer contas sem calculadora | Vídeo-game sem controle | Cafê sem açúcar | Televisão sem imagem |
| Princesa sem príncipe | Jorge sem Matheus | Fada sem varinha | Professor sem aluno |
| Caderno sem folha | Casa sem Família | Mônica sem Cebolinha | Porta sem fechadura |
| Dia sem mês | Cinema sem filme | Farol sem luz | Remédio sem solução |
| Galinha sem ovo | Pamonha sem milho | Chuveiro sem água | Loja sem roupa |
| Arco-íris sem cor | Escola sem professor | Côco sem água | Rio sem água |
| Biblioteca sem livro | Festa de aniversário sem aniversário | Boca sem batom | Cama sem colchão |
| Calendário sem dias | aniversário | Refrigerante sem gás | Caderno sem margem |
| Nome sem sobrenome | Plano sem estratégia | Televisão sem canal | Chuteira sem crava |
| Neném sem mamadeira | Cabeça sem cérebro | Prédio sem janela | Lapiseira sem grafite |
| Brincar sem brinquedo | História sem acontecimento | Cafê sem açúcar | Caderno sem linhas |
| Luar sem estrela | Salada sem tempero | Quadro sem bola | Circo sem palhaço |
| Mar sem navio | Cemitério sem mortos | Som sem música | Carro sem estrada |
| Pão sem manteiga | Saturno sem sol | Hospital sem paciente | Estojo sem lápis |
| Lápis sem papel | Deus sem poder | Escola sem professor | Tênis sem meia |
| Carro sem roda | Anjo sem asa | Aluno sem materiais | Livro sem capa |
| Macarrão sem molho | Matemática sem número | Porta sem maçaneta | Escrita sem letra |
| Tartaruga sem casca | Português sem palavra | Óculos sem lente | Dinheiro sem validade |
| Floresta sem árvore | Antena sem sinal | Ventilador sem ar | Janela sem carteira |
| Mundo sem pessoa | Crachá sem nome | Aniversário sem presente | Travesseiro sem fronha |
| lago sem água | Carro sem placa | Escola sem aluno | Violão sem corda |
| bucha sem sabão | Farmácia sem remédio | Livro sem letra | Abelha sem mel |
| dragão sem fogo | Pop sem Michael Jackson | Caderno sem folha | Gibi sem história |
| relógio sem hora | Educação Física sem esporte | Formiga sem formigueiro | Nome sem sobrenome |
| | Relógio sem horas | Dedo sem unha | Caderno sem folha |
| | Quadro sem giz | Dia sem sol | Escola sem professora |

FOLHINHA APLICADA, Vol. 3 Nº 04, Fevereiro/2012, p. 02. Disponível em: <https://docs.wixstatic.com/ugd/fbf895_e59aa9b4486a4ee2b5ef489413d7ed2f.pdf>

Como se pode observar, os alunos conseguiram apresentar um número bem razoável de comparações. De acordo com a professora, alguns alunos disputavam quem tinha conseguido escrever mais.

Outra atividade que gerou bastante interesse e exigiu também associações diversas dos alunos, foi uma proposta adaptada do livro de Rodari (1982), chamada de Tema Fantástico que consiste em criar, a partir de uma palavra, frases criativas. Nessa atividade, é preciso escrever as letras uma sobre as outras e, ao lado de cada letra, escrever palavras que formem uma frase com sentido ou nonsense. Os alunos do segundo ciclo criaram a partir dos seus nomes próprios. As composições elaboradas e publicadas foram as seguintes:

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| D - De noite A - a V - vaca I - ia ao D - dormitório. | E - Eryck R - riu do Y - Yuri C - com o K - Kauã. | J - Joana U - usou o L - lápis I - igual A - Amanda. | G - Gabi A - ama B - brincar, R - rir e I - ir E - embora L - lanchar. | K - Kawan A - achou W - Wemerson A - ajudando N - Nalda. |
| M - Mamãe O - odeia I - ir de S - sapato pra E - escola de S - São Paulo. | L - Lápis A - amarrados I - iguais as Z - zebras. | G - Gato E - estava O - organizando V - viagem. A - A primeira vez N - na vida N - na A - Amazônia. | A - amor, L - lua, L - livro, Y - Yuri, S - sapo, S - sapato, O - ônibus, N - nome. | E - Emily e V - Vanessa E - elas amam ver a L - lua e o Y - Yuri também. |
| M - Miranda A - ama com R - raiva e I - imita A - Ana. F - Felipe E - e R - Rita N - nada A - amam, N - nada D - dão A - a Ana. | A - A menina N - no N - navio com A - a mulher F - falou: L - legal. E A - a menina V - viu a I - índia que A - a mulher falou: amo você. | I - Jacaré E - e a O - onça V - vai A - ao rio N - nadar com A - animais. | K - Kemily A - andava R - rápida I - indo N - no Y - Yure, C - comia R - rapadura I - indo S - sozinha e T - também I - indo N - no A - avião | I - Joguei O - ovo no A - altar O - ops. P - Papai E - é D - dorminhoco e R - raivoso O - ops. |
| D - Débora voa de H - helicóptero perto do U - urubu L - longe L - longe. Y - Yuri G - gosta e A - adora o B - Brasil R - rasga o I - ingresso de ir para os E - Estados Unidos que ia L - levar seu filho e a I - Ivna | L - Lápis está pequeno. U - Uruguai perdeu para Real Madrid. I - Imagina uma pessoa meio vaca e meio ser humano. Z - Zebra foi morta pelo caçador. F - Feliz aniversário. E - Explosão nuclear. L - Luta vai ter no ringue. L - Lapiseira estragou. I - Ilha tem um tesouro. P - Pêssego é gostoso. E - Estragou minha moto. | | | |

FOLHINHA APLICADA, Vol. 8 N° 31, Maio/2017, p. 04. Disponível em: <https://docs.wixstatic.com/ugd/fbf895_00854bf3fe4a474b94f29633bce9f73a.pdf>

A última atividade foi realizada após uma imersão em histórias fantásticas. Durante algum tempo, os alunos leram, observaram a construções dos personagens dessas histórias, seus conflitos e suas soluções. Por fim, escreveram as suas narrativas:

Narrativas com personagens fantásticos do 2º ano A

O SUPERMAN

Era uma vez um super herói chamado Superman. Um dia uma menina foi sequestrada por um bandido. O Superman recebeu sinal e foi direto a base do bandido e o Superman matou o bandido com seu poder. Ele fez duas bolas de fogo e atirou no bandido. O bandido morreu e o Superman levou a menina para casa.

O Superman ele é bom, ajuda as pessoas, tem uma roupa que não estraga, parece que ele é imortal porque ele nunca morre, porque eu nunca vi ele morto.

O bandido pegou ela para roubar dinheiro da banca.

O Superman olha a cidade para que não aconteça nenhum mal.

Igor Ferreira Abreu (2º ano A)

A FADA DA CACHOEIRA

Era uma vez uma fadinha alegre e bonitinha. Chamava-se Vidia, ela tinha poder de cuidar da natureza, das cachoeiras e dos animais.

Um certo dia Vidia resolveu ligar para suas amigas e fazer uma festa na cachoeira. Pediu que suas amigas trouxessem biquínis, toalhas e comida. Vidia decorou as árvores com flores, apanhou limões, maçãs e morangos para festa e colocou também balões de folhas.

Logo, logo suas amigas foram chegando e a festa começou bem divertida. Mas no final da festa, quando suas amigas tinham acabado de ir embora, começou a dar uma chuva muito forte, com trovões e raios caindo pela floresta. A chuva estava tão forte que caiu um raio na casa da bruxa, destruiu a casa da bruxa todinha. O raio foi tão forte que a bruxa foi parar lá na floresta da Vidia.

Assim que a bruxa olhou para todas aquelas árvores e flores quis cortar todas as árvores e todas as flores e fazer uma fábrica de todo tipo de planta. Em um minutinho Vidia apareceu e ouviu todos os planos da bruxa.

Quando a bruxa já ia pegando o serrote, Vidia reuniu todos os animais e levaram a bruxa para bem longe das flores, fizeram uma casinha de palha para ela e deixaram ela lá. Então todos os animais e a floresta viveram felizes para sempre.

Raíza Mesquita Gomes (2º ano A)

A FADA MADRINHA

Era uma vez uma fada que ajudava e defendia as pessoas e animais. E uma bruxa surgiu e a fada não deixava ela maltratar as pessoas e os animais.

A bruxa prendeu as pessoas numa jaula e os animais também foram prendidos e a fada salvou todo mundo com poderes mágicos.

A bruxa queria os carros para fazer monstros maus. A fada salvou todo mundo.

E a fada foi para casa e as pessoas também e todos viveram felizes para sempre.

Lucca Silveira Souza (2º ano A)

AS FADAS E A BRUXA

Era uma vez uma linda do arco-íris e ela vivia voando pelo céu levando o arco-íris para o mundo.

Quando um dia uma bruxa a capturou e a fez sua escrava.

Anos depois surgiu uma nova fada, uma fada linda uma fada da flor com um vestido todo feito com pétalas de rosas.

Um dia a fada ouviu sobre a história e ela resolveu ajudar a fada então no meio da noite ela partiu.

Quando ela achou a bruxa estava dormindo ele sem querer esbarrou num copo de champanhe e a chuva acordou e então a fada fez uma porção e a bruxa desmaiou e então ela achou fada e explicou tudo a ela e elas voltaram e tornaram-se grandes amigas.

Maria Paula Cavalcante Freitas (2º ano A)

3

FOLHINHA APLICADA, Vol. 4 N° 11, Janeiro/2013, p. 03. Disponível em: <https://docs.wixstatic.com/ugd/fbf895_f75c58e11df74e9cab4ed4bb29a99ed1.pdf>

Como se pode notar, as crianças conseguiram apresentar narrativas incorporando vários aspectos trabalhados a partir das histórias lidas, inclusive apresentando outros personagens, como o do Super-Herói das histórias em quadrinhos. Veja que o repertório textual delas transitou por outros gêneros textuais, apresentando intertextualidades.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito de apresentar este trabalho é mostrar que a escrita pode ser trabalhada na escola para favorecer a subjetividade, isto é, permitir que o aluno possa explorar a língua de maneira criativa e transformadora. Dessa forma, estaremos contribuindo para a constituição de experiências e não apenas transmitindo informações. A preocupação da escola com a transmissão de conteúdos, em função das avaliações,

exclui a participação do aluno. Assim, suas experiências não são exploradas e ele nem é convidado a construir outras potencializando sua imaginação e criatividade. Rodari (1982, p. 160) já dizia que “não é, portanto, de admirar que a *imaginação* nas nossas escolas ainda seja tratada como parente pobre, em desvantagem com a *atenção* e com a *memória*”.

Concordamos com Rodari quando ele expõe que, para haver uma mudança na sociedade, é preciso de homens capazes de criar, que saibam usar a sua imaginação em todos os espaços sociais.

Se uma sociedade baseada no mito da produtividade (e na realidade do lucro) precisa de homens pela metade – fiéis executores, diligentes reprodutores, dóceis instrumentos sem vontade própria – é sinal de que está malfeita, é sinal de que é preciso mudá-la. Para mudá-la, são necessários homens criativos, que saibam usar a sua imaginação. (RODARI, 1982, p. 163)

Esses exemplos, embora simples, oferecem possibilidades para que o aluno tome a palavra, não como uma ferramenta qualquer, mas como promotora de experiência e criação. Mesmo que ele ainda não apresente um repertório grande de informações sobre a língua constituída em sua escrita, podemos ver que o aluno a tece e esperamos que não a abandone. Será convocando os alunos para trabalhar com a língua de modo a explorar sua potência criativa que o professor estará contribuindo para favorecer a experiência e a transformação.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Regina Godinho; STIEG, Vanildo. “O que quer” a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Brasil: o componente curricular língua portuguesa em questão. **Revista Brasileira de Alfabetização – ABAIf**. Vitória, ES, v. 1, n. 3, p. 119-141, jan./jul. 2016.

FOLHINHA APLICADA. Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (Cepae/UFG). Goiânia. Disponível em: (www.folhinhaaplicada.com).

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de Wanderley Geraldi. In: **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p. 20-28, jan./abr., 2002.

NEVES, L. M. W. (org.). **A Nova Pedagogia da Hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005.

ROCHA, Maria Alice de Sousa Carvalho; RODRIGUES, Sônia Maria. **Língua Portuguesa na Educação Básica: instrumentalização ou alteridade?** (mimeo) Apresentado no VIII Congresso da Cátedra da Unesco de Leitura e Escrita em San Jose, Costa Rica, 2016.

RODARI, Giani. **Gramática da Fantasia**. Tradução de Antonio Negrini; direção da coleção de Fanny Abramovich. São Paulo: Summus, 1982.

SOUZA, Andrea Alves da Silva Souza; CARVALHO, Maria Alice de Sousa; MOTA, Telma Maria Santos Faria Mota; BARBOSA, Leonarley Rodrigo Silva; COSTA, Sônia Santana da. **Jornal na escola: um exercício para pensar o mundo**. In: **Veredas Escolares: partilhando experiências criativas de ensino e aprendizagem do Cepae/UFG – 1ª ed.** Goiânia: Gráfica e Editora América, 2014.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afetividade 28, 47, 51, 52, 54, 55, 57, 208, 268

Amazônia 110, 111, 112, 113, 118, 119

Aplicação 32, 36, 37, 40, 43, 58, 88, 96, 97, 100, 120, 121, 123, 124, 126, 128, 130, 145, 158, 179, 198, 199, 200, 201, 259, 261, 265, 266, 278

Aprendizagem 24, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 46, 48, 50, 52, 53, 54, 63, 70, 104, 105, 107, 109, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129, 130, 140, 141, 143, 145, 146, 149, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 175, 177, 178, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 202, 207, 210, 214, 220, 221, 222, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 236, 237, 238, 239, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 276, 278, 296, 300, 301, 303, 305

Aprendizagem significativa 32, 40, 128, 154, 184, 186, 251, 252

C

Caderno virtual 120, 121, 122, 123, 126, 127, 128, 129, 130

Competência de leitura e escrita 82

Concurso público 100, 102, 104

Contextualização 135, 140, 143, 145, 146, 148, 149, 176, 248, 303

Criança 2, 4, 5, 7, 16, 24, 25, 30, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 64, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 185, 186, 187, 194, 201, 203, 259, 260, 261, 263, 264, 265, 269, 272, 273, 291

D

Deficiência intelectual 152, 153, 154, 157, 158, 159, 162, 164, 165, 166, 167, 169

Deficiência visual 203, 204, 205, 207, 209, 210, 211, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219

Didática 53, 104, 105, 122, 167, 177, 196, 277, 287

Discurso de ódio 88, 97

E

Educação a distância 104, 131, 170, 173, 181, 203, 218

Educação do campo 105, 109

Educação sensível 110, 111, 113, 116

Ensino de arte 132

Ensino médio 20, 21, 22, 23, 26, 29, 30, 31, 32, 35, 36, 41, 58, 97, 101, 102, 132, 133, 134, 136, 139, 141, 142, 143, 144, 147, 148, 149, 150, 228, 229, 230, 231, 244, 245, 247, 253, 255, 303

Ensino médio e superior 143

Ensino médio integrado 20, 21, 22, 23, 26, 29, 31, 97

Ensino-pesquisa-extensão 56, 58

Escrita 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 70, 82, 83, 84, 125, 127, 171, 187, 207, 214, 231, 232, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 288, 289, 291, 295, 296

Experiência 21, 22, 26, 27, 29, 30, 46, 48, 49, 65, 66, 68, 69, 70, 73, 74, 82, 104, 106, 108, 109, 115, 116, 118, 134, 136, 140, 141, 156, 158, 167, 182, 196, 198, 214, 218, 227, 232, 244, 252, 288, 289, 290, 291, 296, 304

F

Feminino 9, 60, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 118, 229

Formação 6, 9, 22, 23, 24, 31, 35, 41, 46, 47, 50, 55, 56, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 77, 87, 88, 98, 101, 102, 107, 109, 112, 120, 121, 122, 125, 126, 128, 129, 130, 132, 134, 136, 137, 140, 143, 144, 145, 146, 150, 162, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 194, 195, 196, 197, 199, 202, 222, 223, 227, 229, 230, 231, 233, 234, 239, 244, 246, 247, 249, 252, 253, 257, 261, 271, 273, 276, 279, 280, 281, 282, 283, 287, 297, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307

Formação docente 68, 71, 120, 126, 128, 130, 178, 180, 197

Formação pedagógica 120, 170, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181

I

Iemanjá 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119

Inclusão digital 69, 70, 74, 203, 204, 205, 209, 210, 216, 217, 218, 219

Inclusão social 68, 69, 70, 81, 100, 203, 204, 205, 207, 208, 210, 216, 217, 219, 305

Intolerância 88, 90, 91, 97, 98, 99

Isomeria geométrica 32, 33, 34, 36, 40

J

Jovens 20, 22, 23, 25, 27, 28, 29, 30, 139, 157, 161, 179, 180, 207, 222, 228, 229, 274

L

Lei dos grandes números 43

Leitura 15, 26, 27, 37, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 70, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 115, 117, 126, 132, 135, 139, 140, 141, 165, 169, 187, 200, 201, 207, 211, 220, 232, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 288, 296, 303

Leitura extraclasse 82, 84, 85, 87

Letramento o digital 68

Liberdade de expressão 88, 89, 90, 95, 97, 98, 99

Licenciatura 35, 71, 72, 74, 81, 131, 170, 173, 174, 180, 181, 198, 235

Liga acadêmica 56, 57

Língua de sinais 120, 122, 125, 126

Lúdico 35, 40, 41, 63, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 253, 273

M

Matemática 42, 45, 68, 100, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 133, 138, 139, 147, 150, 169, 173, 174, 203, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 244, 257

Metodologias 32, 33, 36, 52, 53, 58, 64, 70, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 152, 157, 167, 170,

180, 202, 211, 220, 222, 230, 231, 232, 233, 234, 237, 238, 247, 260, 304

Mídia digital educativa 120, 123

P

Palavras cruzadas 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 53

Poética oral 110, 111

Práticas de acolhimento 20, 23, 24, 27, 30

Probabilidade 43, 44, 45, 102, 108

Produção textual 20, 26, 82, 84, 85, 87

Programa mulheres mil 68, 75, 76, 78

R

Recurso didático 32, 41, 122, 128, 166

Recurso metodológico 38, 152, 153, 165, 166

Recursos pedagógicos 198

S

Sexualidade 1, 3, 4, 5, 7, 16, 17, 18, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 307

Significação 47, 50, 115, 235

Sujeito ativo 82, 162

T

Tecnologias assistivas 203, 206, 215, 216

Tolerância 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 271

